

# **Balaio de gato**

**V**  
**V V**  
**V V**  
**viva VOZ**

*Diretora da Faculdade de Letras*  
Graciela Inés Ravetti de Gómez

*Vice-diretor*  
Rui Rothe-Neves

*Comissão editorial*  
Elisa Amorim Vieira  
Fábio Bonfim Duarte  
Luis Alberto Brandão  
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra  
Reinildes Dias  
Sônia Queiroz

*Capa e projeto gráfico*  
Glória Campos  
(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

*Preparação de originais*  
Katryn Rocha

*Diagramação*  
Alexandre Policarpo  
Katryn Rocha

*Revisão de provas*  
Alexandre Policarpo  
Bruna Viana

*Endereço para correspondência*  
LABED – Laboratório de Edição –  
FALE/UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 – Sala 3108  
31270-901 – Belo Horizonte/MG  
Telefax: (31) 3409 6072  
e-mail: [vivavozufmg@gmail.com](mailto:vivavozufmg@gmail.com)  
site: [www.lettras.ufmg.br/vivavoz](http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz)

## **Ansiedade**

Coração bate  
aceleradamente.  
As mãos tremem,  
os pés suam.

Os músculos dos ombros,  
e do rosto,  
se contraem.  
Tudo. Dói.

O cérebro grita,  
sem parar,  
milhares de pensamentos  
f e r v i l h a n d o  
a ponto de explosão.

Um só corpo  
com o desejo inatingível  
de parar e descansar  
na eternidade finita da calma.

## **Moenda**

Um motor

Sofre,

Atritos, rotações,

A dinâmica do movimento leva à repetição,

Quando emperra

Se respeita.

## **Seu**

Theo é o nome que ele te deu

Teu e só teu

Não te esqueças

Inteiramente teu

E por mais que encontres outros Théis

Teu Theo é só teu

Pois teu é o nome que ele te deu

## Oceano

Nasci. À beira-mar eu até faria bossa, mas  
Calhou de eu ser das Gerais  
Um café e um dedo de prosa

Conversa na mesa de bar  
Um mar  
De gente pra amar, porém  
Eu continuo odiando o tanto de mar que separa a gente.

## Por encanto

Lá estava ela, minada em seu próprio mundo, nos caminhos da fazenda. Por enquanto, eu, rapaz metropolitano, não fazia ideia de quem era aquela mulher. Só reparei em sua pele morena, em seu vestido de renda molenga, ajustando-se em seu corpo, voltando da casa de Mani.

Meus pensamentos, queria eu, poderiam, sobre isso, escrever um poema. Senti, porém, algo que nunca havia sentido antes. Enquanto seguia meu caminho, ereto, imaginava um grito em meu ouvido – um pedido de morena, *mientras* suplicava “me entras!”

## Confissão do trovador

Morena  
que fomenta meu poema  
que apazigua meu momento  
que compõe o meu traçado.  
O meu sentido  
escondido na sua renda  
faz barulho, faz furor  
na caminhada mais molenga.  
E meu coração  
mais partido, mais ferido  
que a barra do seu vestido  
na moenda da fazenda.  
Guentará minha criação  
tamanha distração  
do caminho do sentido  
que liberta deste entulho  
que é contrário à razão?  
E esse amor  
que me lembra de Serena  
seduzida  
corrompida  
até a morte, coagida  
será então  
desespero  
ou obsessão?

## **O passar**

Demorava-se  
Onde a estrada bifurcava  
Assim seu devir peregrino  
Lá vira passar homem, mulher e menino  
Carruagens, carros, aviões e navios  
Na encruzilhada seca, sôfrega: Sra. Lamúrios! Oh!  
Quem espera assim sem jeito  
E não vê que nessa estrada  
A chegada é de onde veio

## Marília

Todo domingo,  
às quatro da tarde,  
caminho até a Praia da Graça,  
onde se ancora o barquinho que papai me deu.

Marília é o seu nome,  
assim como o meu.

Embarco e o ponho a desfilhar.

Meu coração também desfila:  
Procura quem o queira.  
Ele é reles e sangra:

Uma insignificância no meio do oceano de vaga a vaga.  
Pouco antes das seis,  
retorno ao ancoradouro,  
me sento na praia  
e assisto ao sol se pôr.

(enquanto minhas mãos  
desobedientes tentam,  
sem sucesso, agarrar a  
linha do horizonte)

## **Jataí**

Ela nasceu em um dia de carnaval, e foi criada em uma casa em que aranhas surgiam aos montes e abelhas tomavam conta dos cachorros – pequenas entradas circulares amontoadas entre três quartos das terças de madeira com jogos barrocos – nas paredes verdes de hera ela abria as janelas dos cupins para deixar entrar os grilos e os amigos, e os maridos (das outras) e todos falavam que ela não pensava, que não percebia o perigo de lhe puxarem os cabelos pretos, e as roupas (sempre) pretas que usava sobre a pele amarela tropical, como a casa. E todos a mandavam ir embora, mandar embora, tomar conta, não ser tonta e ela respondia, ela pensava: deixa aí, deixa assim, se já tá aí, aí de mim.

## **Balaio**

Alex olhava Camila que andava com Pedro  
que admirava Isadora que traía Alexandre que  
suspeitava de Thais  
que não amava ninguém.

Alex foi para a informática, Teresa para os jardins,  
Pedro foi para Pouso Alegre, Isadora para a Índia,  
Alexandre aventurou-se e Thais casou com Ayrton  
que não tinha entrado na história.

## Dilema de Afrodite

Sempre amei o mar. Sentia-me limitada – sufocada – neste estado de montanhas em que Deus me fez nascer. Então, quando fiz quinze anos, papai recebeu uma notícia do trabalho que alegrou mais a mim do que a ele: estava sendo transferido para o Rio de Janeiro!

Depois disso, tudo aconteceu muito rápido. Papai começava na nova empresa em dois meses. Vendemos nossa casa, na Alameda das Seringueiras, nos despedimos dos vizinhos e compramos um apartamento em Copacabana – à beira-mar: eu estava livre!

Qual não foi a minha surpresa ao chegar ao novo lar: era minúsculo. Uma caixinha de fósforos, como apelidamos. Ao ver meu desânimo, papai disse:

– Calma... Logo, logo cê custuma!

Respirei fundo três vezes e pensei: “Papai tem razão. Até que não é tão pequeno assim... Além disso, se algum dia me sentir sufocada, é só atravessar a avenida que estarei na praia!”.

Dias se passaram. Meses sem que o alívio, a sensação

de liberdade contínua, tomasse conta de mim. Comecei a frequentar uma nova escola, fiz novos amigos; mas ainda não me sentia tranquila ao fechar os olhos e tentar dormir. Tinha pesadelos em que as paredes do meu quart(inho) iam de encontro uma à outra, me espremendo no meio.

Certo dia, uns seis meses após nos mudarmos, foi anunciado na escola que uma pesquisa sobre o conhecimento dos alunos do Ensino Médio seria aplicada. Eu nunca havia ouvido falar nisso – não existia nada desse tipo na minha antiga escola.

Quando o dia da bendita prova chegou, eu estava nervosa. Não fazia ideia do que esperar. Fiquei aliviada quando percebi que a primeira parte da prova era, simplesmente, um questionário pessoal. “Ah, isso vai ser moleza!”, pensei. Comecei, então, a responder:

Nome: Afrodite

Idade: 15

Sexo: Femin

Ao chegar nesta terceira pergunta, comecei a escrever *Feminino*. Porém, antes que eu pudesse chegar ao segundo *i* da palavra, a professora, que passava ao lado da minha carteira, olhou para a minha prova e disse:

– Que brincadeira é essa? Esse questionário é sério! Apaga isso e responde direito!

A princípio fiquei perplexa: O que é que eu tinha feito de errado? Depois de passar alguns segundos tentando, desesperadamente, explicar para a professora que eu não havia tentado fazer nenhuma brincadeira, a garota que estava sentada ao meu lado olhou para a minha prova e disse:

– Tu ixcreveu errado... É maxculino.

Olhei para ela assustada e entendi tudo: Não queriam verdade, e sim aparência. Me sentei, calada, apaguei o *Femin* da folha e escrevi:

*Masculino*

“embora meu desejo não saiba disso”.

## Marginal

É impossível estar duas vezes  
No mesmo rio e  
Mesmo assim  
Dizem que o progresso é

– Nadar sempre pra frente! E sem olhar pra trás.  
– Então pra que tu tá nadando nesse rio?

Se as águas te amortecem o  
Sentido.

É Preciso

Querer sentir as águas do rio. Ditado antigo:  
O desejo é o que faz o peixe pular  
quando fora do mar

É preciso

Sentido

Navegar. É preciso

Respirar

Insisto em querer nadar

Mesmo que contra a corrente. Esperar.

Negociar com o tempo. A tempo

De ver de perto o meu rio se tornar

**M a r**

## **Luto**

Luto contra a fortuna,  
Luto agora  
Só sombra resta,  
Fico aqui  
Ela é fresca.  
No entanto o queimar não cessa.

## **Maria o quê?**

Marina bonita?

Marina luisa?

Maria adormecida?

## Procrastiedade

Dê-lhe uma tarefa  
simples e corriqueira,  
estabeleça um prazo:  
próxima sexta-feira.

O final de semana  
irá se passar:  
ainda tenho cinco dias,  
mas preciso terminar.

Acorda ao meio-dia,  
toma café e volta a se deitar:  
ainda está cedo,  
tenho muito tempo para acabar.

Passa a segunda-feira,  
a terça e a quarta.  
Rói as unhas, assiste filmes,  
mas não consegue sossegar.

Quinta-feira: meu tempo está acabando,  
não consigo me concentrar!  
Almoça, senta ao computador:  
Preciso de água, vô buscá.

Trabalha por vinte minutos:  
Acho que tá bom, vou descansar.  
Assiste duas horas de seriado:  
meu Deus, eu vou me ferrar!

Madrugada: preciso dormir!  
Toma um Dramin,  
deita-se e  
tenta relaxar.

Dorme por três horas,  
acorda com o calor:  
não tem jeito, vou trabalhar.

Cr Cr

Cr **CRISE** Cr

Cr Cr cr cr Cri

Cr cr cr rrr cr cr cr cr

Cr cr cr rrr cr cr cr cr

Cr cr cr rrr cr cr cr cr

Cr cr cr Cr cr cr

rrr cr rrr cr

rrr cr rrr cr

Cr Cr

## Moenda

Viva obsessão  
Verte o coração a fomentar sentidos  
Múltiplos.  
Mientras a bebida liberta  
Serena morte,  
Serena a mente.  
Imbuída sereia  
De encantos e feitiçaria.

O lápis e o traçado  
Costuram momentos.  
Criação seduzida,  
Vestida de sentimentos:  
Glamour.  
Coração: moenda de dor  
Da janela ao precipício  
O poeta canta de amor.

## Frühling

Fru Lin vinha vindo  
fruindo  
abrindo  
que lindo  
sorrindo  
assim  
apenas  
Fru Lin

...de uma cadeira a outra marulha um silêncio  
entre desejos e desprazeres **emaranhados**...

## **Contemporâneo, o tempo**

Tatu que tramita no tempo  
tem teto de teixo  
no éter tresloucado  
deste tempo terreno.  
Tê<sup>^</sup>nue, intermitente  
e teimoso,  
traduz tabus  
e telepatias também.  
Tangerina, televisão  
e transgênicos,  
todos trazem tatuagens transparentes  
deste tempo traiçoeiro.

## Isadora

Quem feliz adora sua porta  
Passa já pra fora sem som  
Gentis amoras dormem mortas  
Em cesto sente-se frisson

Mundalice banha-te pura  
Isopolo aposto do chão  
Estranhamente aprofundura  
Tal matiz adora meu Não

Nêmesis a dor ancora  
Jamais desfruta flor em ser  
Só quis adormecer-se flora

Se te botares dor torpor  
Há d'então ter amor e ver  
Só lis adora própria flor

XiS

quis

Kiss

## **O sol mexe com o tino da gente**

Tina Dias morava ao sul do extremo sul de Brasília.  
Dividia o seu dia  
Entre antes e depois do sol queimar. Tinha dias que o  
sol não vinha e aí  
O dia e a noite eram um só, mas  
Os dias em que o céu abria

Ah! Os dias em que o céu abria  
Nesses dias Tina largava as coisas que tinha e  
Tomava banho de mangueira no  
Quintal

No meio do dia.

## **Ansiar**

Ao sorrir  
ou ao chorar  
arrancai-me  
todo  
o ar.  
ao beijar  
ao abraçar  
ou simplesmente ao tocar  
se soprar a borboleta  
ela põe-se a voar.  
se libertar esta canção  
ela volta a cantar.  
ao andar  
ou ao dançar  
em um pequeno balançar.  
vou sentir  
e vou dormir  
para não mais despertar.  
ao sonhar  
ou ao esvaír,  
ao sorrir  
ou ao chorar  
não consigo respirar  
pois perdi meu encantar.

## **Clips**

espalhados por aí  
juntados por acaso

## **Garoto Kant**

Cante, garoto Kant!

Viva, sinta...

Minta.

Trace, com furor,  
o caminho do amor.

E quando seduzida:  
Fira!

## **Espelho**

Olhava-se  
via só o que ele mesmo via.  
Tentava-se  
não conseguia.  
O espelho nunca mostrava  
o que o outro via.

## **Sou**

Penso muito sobre a existência.

Por que eu?

Por que aqui?

Por que neste momento?

Por que neste contexto?

Poderia ser nos anos loucos,

Paris, 1920, na essência das artes.

Poderia não ser o único tesouro de um

Pai, sob expectativas não concretizadas.

Porém,

Penso, tudo tem um

Propósito.

Pudera eu escolher algo e não ser tudo isso que hoje

Sou.

Sexo: masculino

Embora só Deus saiba disso.

## Moenda

Moenda dois  
end à dois  
M o e n da dô  
and a dois, Moenda  
enda dô  
moída demais

## **Isadora**

Isadora,  
não demora,  
porque a Flora  
já foi-se embora.

Isadora,  
olha a hora,  
daqui a pouco  
já é outrora.

Meu processo de escrita geralmente se dá na tela de um computador portátil em ambientes caóticos ou com música, um café costuma acompanhar. O barulho das teclas sendo digitadas rapidamente e depois apagá-las uma a uma ainda mais rapidamente me dá uma espécie de satisfação especial. Prefiro não olhar para as teclas ou para a tela durante o processo de digitação e sim para o ambiente que me rodeia.

Tac, tac, tac  
Granizo na janela,  
Onde estará  
Mon amoureux?

Tic, tac, tic, tac  
Quanto tempo  
Passar-ô?

Tico-tico taca pedra  
Pelo peito  
Ruafora.

Espero tonto  
Tique feito  
Fique pronto.  
De que é feito  
O teu amor?

## **Espaço**

Vazio

Buscando alguém.

Um lugar.

Uma vida.

Eternamente perdido.

Esperançoso até o último piscar.

## **Lascívia**

Ela passou o dia ao sol e retornou  
com as bochechas rosadas e um ardor entre as pernas.

Rua da praia

Passarela; passo nela

Olhando a mulher que passa

Eu não sei o que ela quer

-Ah, é a Rua dos Andradas...  
-Não senhor, Rua da Praia

101

-O que?, maiô na calçada?  
-Não senhor, é minissaia.

## **Das tripas coração**

Esperei que a poesia chegasse  
De carona num vento distante  
E me trouxesse na corcunda um luar  
De inspiração, como num rompante.  
E não veio.

Imaginei que pairasse num reino  
De outra natureza, e fitasse  
Sobranceira a minha ignomínia  
Frente ao papel em branco e vazio.

Como se numa planície celeste  
Um jardim suspenso verdejasse  
Com feéricos metros e rimas,  
Acreditei a mim revelado  
Num diáfano movimento  
Um poema.

Colhi as palavras do pé,  
Ainda verdes sobre a relva  
E as arrematei num verso,  
Seja ele qual flor:  
Mato sob verso.

E dessa revelação,  
No hálito de inspiração exaurido,  
Capturo a poesia, qual pássaro fugidio,  
Na gaiola desse poema.

Ao dar às palavras o polimento caseiro  
E o trabalho de manufatura  
De mil esforços, mil fracassos,

Percebo que a poesia já habitava  
Em mim desde outrora.  
Não de mágico dicionário,  
Vieram as palavras,

Mas sim de inato vocabulário  
Que minha alma veio imbuída.

Esperei a poesia chegar,  
Abri a porta para que entrasse.  
Ela assentou-se no fundo de mim  
E lá se fez epifania.

Esperei a poesia sair,  
Abri a porta para que saltasse.  
Ela precipitou-se no abismo branco  
E lá se fez poema.

no rejunte da avenida o perdi  
duas pedras portuguesas ele pregou

101

Rua da Praia

– Não senhor, Rua da Praia

Quero me abrigar da brisa

Pelo centro, pela beira

Olhando a mulher que passa.

Mas fico entre duas praças

Eu não sei o que ela quer

É reles

De uma pequenez quase lírica

E meu coração desfila

– Não senhor, é minissaia.

## **Deslocamento**

E meu coração desfila  
Procurando quem o queira.  
Pelo centro, pela beira.  
É miúdo  
De uma pequenez quase lírica  
Mas cabem dois homens  
Não é que eu esteja à caça  
De uma cruel e desleixada vileza  
Metonímia

O sangue de uma mulher.

Eu serei o que eu quiser  
Serei assim,  
ó bem me quer

Não mais querei  
Um quiser qualquer

## Advérbio ou nada

Encomenda. Três  
Dias de espera  
Veio de motolápis  
Sol forte na janela.  
Comida, bebida e droga!  
Esqueci  
Onde ela começa. A encomenda.  
Tipo pão com mortadela, mas  
Com mais prazer  
Um Monet  
Com menos roupa  
Entenda, eu não estou dizendo que ela me veio assim  
Sem pé nem  
Morfema

Um ajuntamento de sensações.  
Direto pro conforto do meu sofá.  
Comi muita farinha com açúcar pra achar  
Que só a arte salva  
Salva um dois aí? (Essa sou eu pedindo um cigarro)  
Arroz e feijão. Arroz e  
Feijão no prato é a primeira grande revolução

Entenda, ela veio do jeito que dá:  
Mototáxi expresso pela via dupla.  
Mientras ela sempre vem nessa confusão,  
Mientras o sol continua a brilhar  
Mientras  
Eu nem sei de Mientras  
O significado.

Serena foi  
distráida  
e seduzida  
pelas drogas

a obsessão  
do não  
levou à destruição

ou

ao sentimento  
desconhecido  
de coração amassado

## Compreensão

Sua dor entendo porque me tiraram o pâncreas  
Um risco no umbigo  
Um desmaio de cólica  
Um fincar que anuncia o girar da órbita

Como você entende  
Que há montes de glândulas  
Expostas nos jogos  
Que acertam toda semana  
Nenhuma novidade

Nossa árvore range com todos os ventos  
Suas crostas caem  
Insetos traçam a dentro  
Caminhos iguais aos cortes dos fios  
Todo ano  
E há 40 existe a rede elétrica  
E há não sei quantos matam e morrem  
Por ela e outros  
Por ela e dores  
Frivolidades.

ISADORA  
A POESIA  
MARCA A  
POESIA  
MARCADA  
POR ISA  
A'DORA  
MARQUES  
MARCA  
A POESIA  
A ISADORA  
E  
A MARCA

## **Lolita Pop**

Sempre vivi uma vida relativamente tranquila ao lado de minhas quatro irmãs, no seio de uma família outrora mais numerosa. Vida tranquila embora profundamente marcada por tragédias, enigmas e infortúnios que nos assolaram.

Quanto a mim, eu não era como as minhas irmãs. Distinguia-me delas ligeiramente em estética e maneirismos, embora sob o olhar de nossa mãe eu me sentisse igualmente amada.

De todas as tragédias que se abateram sobre minha família, a última delas me foi terrivelmente real. O terror dos momentos que vivi ficou marcado para sempre em meu corpo. Depois desses dias, nada em mim ficou no lugar.

De repente eu me encontrava algemada em algum lugar escuro e cinzento, que imediatamente julguei ser uma casa de detenção. A sala tinha paredes foscas, o ar era mórbido e parecia estacionado num tempo eterno, e eu sentia que minha alma se petrificava frente ao

horror que a imagem daquele momento me causava. À minha frente estava sentado um homem muito gordo, com um bigode negro *à la Hitler* que, recoberto por uma espessa camada de gordura, me causava náuseas permanentes. Ele esbravejava com ódio palavras em minha direção, as quais eu não conseguia entender, tamanha a quantidade de saliva que sua boca totalmente aberta atirava em minha direção, deixando entrever os dentes amarelos e encrustados de restos do desjejum. Eu estava completamente mortificada frente à mistura de nojo e pavor que aquela figura me infligia.

Em um canto da sala a máquina de escrever preenchia com batidas secas critérios sobre mim à minha própria revelia.

*Nome: Marcos*

*Sexo: masculino*

*Flagrante delito*

Fui levada para uma sala ainda mais hermética onde deram ordens para que eu me despisse e colocasse uniformes presidiários masculinos e que me juntasse aos homens no cárcere. Me recusei veementemente a aceitar tais ordens, a tirar as minhas roupas, meus acessórios e todo o resto que dava ao meu corpo um contorno. Entrar naquelas novas vestes apagaria de mim qualquer traço que me fizesse sentir viva. E na medida em que eu lutava contra a minha morte com

a força da angústia e do medo que me tomavam, mais eu era violentada por um homem totalmente sem piedade. Naquele momento eu tinha certeza de que havia encontrado meu último algoz. O horizonte havia se tornado ali apenas um abismo absolutamente vazio. Então vertiginosamente desapareci.

Não sei quanto tempo permaneci fora de mim, porém agora me encontrava em uma sala completamente diferente. Olhei para o meu corpo, esperando nada encontrar, porém meu contorno permanecia intacto e eu ainda preservava meus trajes pessoais. À minha frente agora havia uma mulher, e senti que ela simpatizava comigo. No espaço entre mim e ela me foi dada uma oferta de fala. Através da palavra pude delimitar aos poucos a minha angústia e a minha sensação de morte iminente.

Ao final de todo um momento em que me esvaziei das rumações mais terríveis, entendi o que eu havia feito e teria de consentir a um sacrifício. Concordei que minhas roupas fossem eventualmente retiradas, mas retive comigo minha presilha e meu batom 111 LolitaPop, presente de minha mãe.

Os dias em que vivi em cárcere foram de longe o meu pior abandono. Houve tempo suficiente para que eu revivesse todos os meus demônios em completa solidão. Lembrei-me de meus quatro irmãos

mortos e de como eu nunca cheguei a conhecê-los verdadeiramente. Alguns morreram de desastre, outros pelos desígnios de erros fatais, inexplicáveis, ininteligíveis para mim.

Lembro-me agora de minha mãe ao leito de morte do último irmão a dizer: “Na minha família todos os homens morrem”. Eu tinha então cinco anos, e essas palavras enquistaram-se em meu corpo como a resposta para o enigma do desejo de minha mãe. Desejo que era o meu próprio, disfarçado, e do qual só consigo separar-me após longos anos enquanto escrevo.

Nasci para sofrer a série mortificante dos homens, mas Deus quis-me entre anjos.

PE PE PE

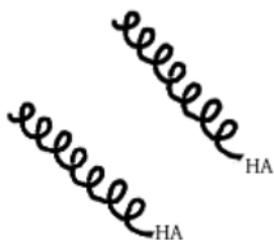
PEDRO

PU PU PU

PULA

PE PU PE

PULA,PEDRO!



HA

PU

PU



PU

LA

os  
CACHINHOS  
de  
PEDRO  
PULA(m)  
sem  
parar



## Os autores

**Alex Gonçalves** nasceu em Guanhães, leste de Minas, no início da primavera de 1992 – uma semana antes do impeachment de Collor. Passou toda a infância e adolescência nesta cidade, boa parte desse tempo em fazendas e na natureza e paradoxalmente outra parte em frente a computadores. Mudou-se para Belo Horizonte aos 18 anos, para cursar Ciência da Computação na UFMG. Tem grande interesse em dinâmica social e processos mentais.

**Alexandre Policarpo** é mineiro, belo-horizontino e apaixonado por sua cidade natal, onde mora até hoje. Encontrou no Jornalismo uma forma de unir diferentes amores: a escrita, a política, a cultura, a arte, o social e o empreendedorismo. Depois de passar grande parte da sua infância e adolescência entre as paredes de um apartamento, hoje, aos 20 anos, Alexandre quer viver, se aventurar, andar pelo mundo e ver o que o mundo reserva para ele.

**Arryson Zenith** nasceu em Bom Sucesso, sul de Minas, onde morou até os 18 anos, quando se mudou para Belo Horizonte. Em 2011 ingressou no curso de Psicologia da UFMG. Tem grande interesse pelo campo da Psicanálise e seu diálogo com a Literatura. Escreve poemas desde os 16 anos. Participou no ano de 2009 de um concurso de poemas da América Latina, tendo seu primeiro poema publicado na antologia dos poemas selecionados. Hoje, aos 24 anos, dedica-se a escrever um romance em prosa poética.

**Camila Félix** nasceu no dia das mulheres do ano de 1993. Talvez pelo dia, talvez por falta de sorte, cresceu em um bairro afastado do centro de Belo Horizonte, protegida por paredes rosas e um jardim florido em uma vida como um conto de fadas. Atualmente estuda arquitetura e tenta mudar o mundo através da poesia.

**De Paula**, criado em Brasília, se mudou ainda criança para sua cidade natal, Patos de Minas, onde passou a adolescência. Começou a escrever ali mesmo alguns textos de poucas linhas e vem escrevendo até hoje. Vive em Belo Horizonte, onde cursa Letras na UFMG.

**Isadora D'Olaia** nasceu em 1995, mas ainda acredita no fantástico. Mineira, adora cães, fotografia, livros e seriados. Não consegue ficar parada: estuda Moda na UFMG, acampa sempre que pode, faz aulas de jazz,

ballet, coral, alemão e coreano. Pretende se formar em veterinária e jura que um dia ainda vai morar na Índia. Seu talento mais inútil é reconhecer inúmeros atores holywoodianos e em que atuaram. Ama filmes da Disney e sabe cantar quase todas as músicas.

**Matheus Saez** nasceu em setembro de 1997 em Itabira, MG, onde viveu até a adolescência, quando começa a ler e escrever poesia. Inspirado pela literatura e música popular brasileira ingressa no curso de Letras na UFMG em 2016.

**Patrícia Coelho** é estudante de Teatro na UFMG. Aventura-se por outras artes com frequência. Interessada em teatro popular, dramaturgia, cinema e fotografia, já experimentou um pouco de cada. Nascida e criada em Belo Horizonte, concorda absolutamente com MC Papo: BH é o Texas, mineiro diz que tá chegando e sai de casa correndo.

**Pedro Teixeira** nasceu em Silvianópolis, MG, porque sua mãe tinha medo do hospital de sua cidade. Voltou para Pouso Alegre logo após o parto, onde viveu até os 18 anos, quando ingressou no curso de Psicologia da UFMG. Tem grande interesse pela Psicanálise, e sua experiência com produção de textos não acadêmicos é relativamente recente.

**Thais Mollyen** nasceu em Belo Horizonte, MG, no outono de 1994 – no mesmo mês em que Ayrton

Senna morreu. Morou grande parte da infância em Vespasiano, onde passava as tardes brincando de bola e tomando banho de mangueira. Quando completou 10 anos, mudou-se para Belo Horizonte com a mãe, para estudar no Centro Pedagógico da UFMG – universidade em que estuda hoje, atualmente cursando Bacharelado em Literaturas de Língua Inglesa.

# Índice de autores

**Alex Gonçalves.** 18, 27, 34, 39

**Alexandre Policarpo.** 7, 12, 30, 33

**Arryson Zenith.** 22, 24, 38, 42, 53

**Camila Félix.** 11, 44, 51

**De Paula.** 32, 41, 50, 52

**Isadora D'Olaia.** 5, 8, 23, 25, 29, 47

**Matheus Saez.** 9, 26, 35

**Patrícia Coelho.** 6, 16, 28, 45, 48

**Pedro Teixeira.** 4, 17, 21, 37, 46

**Thais Mollyen.** 3, 10, 13, 19, 31, 36, 40, 57

Dentre prosas e poemas  
cada um artista, autor e cientista  
cercados todos por prédios e florestas,  
à beira da avenida,  
no interior de um belo horizonte  
se reuniram,  
vindos dos cantos das minas gerais  
para os campos universais.

Apresentação em tipografia Garamond 10  
título em Verdana 9  
projeto gráfico concebido pela Mangá.  
Concepção e mentoria fluentes da maestra Sônia Queiroz.  
Livro artefato da disciplina Escrita Criativa  
parte da Formação Transversal em Culturas em Movimento e  
Processos Criativos  
da Universidade Federal de Minas Gerais.